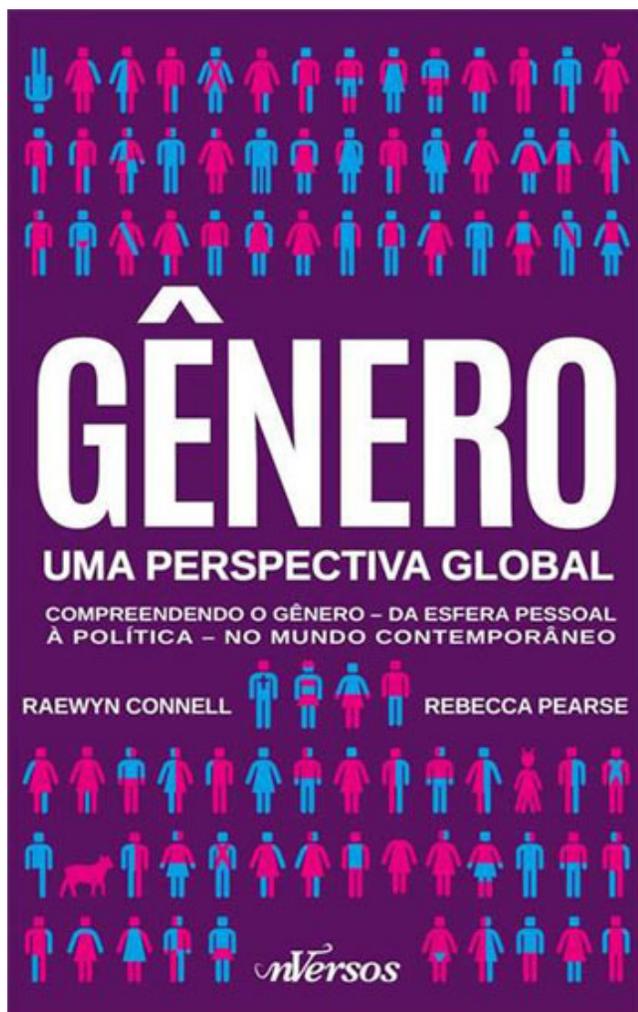




CONNELL, RAEWYN; PEARSE, REBECCA. GÊNERO: UMA PERSPECTIVA GLOBAL. SÃO PAULO: NVERSOS, 2015.¹

Bárbara Elcimar dos Reis Alves

Graduada em Administração pela Faculdade Fundação Visconde de Cairu, Pesquisadora do GIRA: Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (UFBA) e militante do LesbiBahia.



Gênero: uma perspectiva global é fruto de uma parceria entre Raewyn Connell e Rebecca Pearse. Connell, socióloga transexual de origem australiana e professora emérita da Universidade de Sidney, é bastante conhecida no Brasil por sua contribuição no campo dos estudos das masculinidades, tendo cunhado o conceito de masculinidade hegemônica, um dos principais operadores dos estudos sobre homens no mundo. Já Pearse é pesquisadora associada da mesma universidade e seus trabalhos tematizam as mudanças e desigualdades socioecológicas. Voltada para o campo de estudos de gênero e feminismos, a obra utiliza um espectro amplo das ciências humanas, desde a psicologia à ciência política, passando pelos estudos culturais, educação e história para se pensar o gênero em perspectiva global. Nesse sentido, as autoras dialogam com extensas agendas políticas e teóricas

que produzem saber com a sensibilidade da igualdade de gênero e das lutas contra o sexismo e o patriarcado.

O livro é complexo e rico em sua estrutura e dialoga com conceitos teóricos nos diversos continentes, ao mesmo tempo em que está alicerçado em exemplos do cotidiano. Incorpora tanto teorias gestadas no Norte Global, ou *metrópole*, como aquelas oriundas de países do Sul Global – classificação central usada pelas autoras. A obra apresenta uma radiografia da revolução que o movimento feminista e gay dos anos 1960 e 1970 provocou em diferentes partes do mundo e na vida das pessoas. Por essa razão, o eixo central de análise é a *política de gênero*, incluindo as pesquisas sobre o tema e alguns problemas e soluções, na perspectiva sociológica, com foco nas relações de poder entre homens e mulheres. Apesar disso, passeia de forma sutil em outras possibilidades de gêneros e separa as categorias *gênero* e *sexualidade*, em suas análises.

Com 336 páginas, o livro é organizado de forma pedagógica, uma vez que há uma temática guarda-chuva em cada um dos oito capítulos, com tópicos que embasam o debate e o percurso feito pelas autoras para elaborar seus argumentos.

O primeiro capítulo, intitulado *A Questão do Gênero* serve como alicerce da proposta das autoras que, no primeiro subitem, buscam auxiliar a leitora desinformada na *percepção do gênero*. De forma singular, descrevem uma gama de fatos sobre a mídia de massas, as famílias, o mundo da política e dos negócios e analisam os *a priori* sobre gênero que são vistos como aleatórios em um primeiro momento e, no segundo momento, já com as contribuições dos movimentos de mulheres no pensamento moderno sobre gênero, passam a ser vistos como um padrão que estrutura o arranjo geral deste conceito. Apontam ainda aquilo que chamam, nas sociedades contemporâneas, de *ordem de gênero*, primeiramente compreendida em uma perspectiva de gênero binário e heteronormativo. Segundo Connell e Pearse, a contribuição central do movimento feminista e LGBT contemporâneo foi o borramento desta perspectiva por meio do impacto cultural intenso exercido nos valores e crenças culturais durante a década de 1970 em todos os espaços. Ainda no primeiro capítulo, buscam definir o gênero segundo as novas percepções e construções políticas e teóricas a partir dos feminismos intelectuais dos anos 1970, em que uma nova terminologia se fez necessária após aproximadamente trinta anos de contradições e sínteses nesse campo, desde a publicação da obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Com isso, busca-se construir uma definição de *gênero* mais fluida, com vistas a resolver paradoxos feministas sobre a *diferença*.

No segundo capítulo, são apresentadas pesquisas representativas de gênero através de cinco exemplos concretos. Três destes são focados em dimensões do cotidiano em cenários locais; outro sobre a transição histórica tratada

¹ Resenha apresentada como trabalho final da disciplina *Gênero e Sexualidades* no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM) em 2015.2.



como uma mudança de identidade de gênero e o último, por sua vez, relaciona as questões de gênero com o meio ambiente. No primeiro exemplo, intitulado *Brincando, o Gênero na Vida Escolar*, a pesquisa buscou enxergar além dos padrões descritivos de modelos de gênero convencionais; no segundo, *Ser Homem nas Minas*, há o relato de um caso em que as práticas de gênero foram percebidas como distintas daquelas de casais convencionais na África do Sul, uma vez que trabalhadores migrantes viviam em agrupamentos em que alguns homens cuidavam, eles mesmos, do trabalho doméstico, enquanto outros procuravam mulheres de cidades próximas para exercerem essa função e, ainda, outros criavam parcerias domésticas e sexuais denominadas *casamentos de mina* nas quais os homens mais velhos se relacionavam com rapazes que acabavam fazendo o trabalho doméstico em troca de serviços sexuais, presentes, orientação e proteção.

O terceiro exemplo, intitulado *Flexionando o Gênero*, é um estudo com 20 homens que durou cerca de 9 anos, no ápice da epidemia global do HIV, na década de 1980, em que se demandou uma resposta massiva de pesquisas, desde as biológicas até no campo das ciências sociais e humanas, sobre as práticas sexuais de risco. Cita, especialmente, o clássico *A prática do desejo: o sexo homossexual na era da AIDS*, de Gary Dowsett, resultante de um estudo australiano que evidenciou que não há *caixinhas* que possibilitem a classificação das práticas sexuais, o que implica na necessidade de fuga dos modelos ortodoxos de análise do gênero e da sexualidade. No quarto exemplo analisado pelas autoras, *Mulheres, Guerra e Memória*, buscou-se um diálogo com um ensaio publicado por Irina Navikova que apresenta experiências reais de mulheres em um gênero textual pouco debatido, os memoriais de guerra escritos por mulheres, como *Meninos de Zinco*, escrito por Svetlana Alexievich, sobre a guerra desconhecida da União Soviética contra o Afeganistão. Na pesquisa foram entrevistadas veteranas da guerra que haviam trabalhado como enfermeiras das forças armadas. Desta forma, esse exemplo visou mostrar como os padrões de gênero paradoxais na vida pós-soviética preservou e transformou as imagens tradicionais de gênero na era soviética da aparente *igualdade entre os sexos*.

O último exemplo, *Gênero, Marginalidade e Florestas*, refere-se à obra de Anna Lowohaupt Tsing, que fez uma etnografia no Kalimantan do Sul, parte indonésia da ilha de Bornéu. Em seus primeiros escritos, a autora abordou o gênero do tipo *separados, mas iguais* e, em seus escritos mais recentes, acabou por capturar a dinâmica do Kalimantan como uma região na fronteira do capitalismo em que o gênero não é visto como uma questão central quando, na verdade, meio ambiente e questões de gênero estão altamente imbricadas. A partir disso pode-se chegar à consideração de que a periferia global não é um local estático, mas que contrasta com a dinâmica central da globalização liderada por uma elite. Assim, a política da marginalidade é, de fato, generificada.

No terceiro capítulo as autoras expõem e analisam as diferenças sexuais e os corpos generificados. Aqui se busca desconstruir e analisar, com base nos estudos de gênero, a ideia da existência de uma diferença natural entre mulheres e homens. Para isso, são construídas novas ferramentas para o deslocamento do discurso de senso comum que divide homens e mulheres com base na biologia. Propõem, portanto, a operação de um novo olhar para a diferença reprodutiva, buscando um diálogo com as visões conflitantes no campo sobre a diferença. A partir do avanço das pesquisas sobre similaridade de gênero, refutam a noção de que há uma dicotomia de caráter entre homens e mulheres e rejeitam todos os modelos de gênero que assumam a causalidade entre as diferenças sociais de gênero e as diferenças corporais que,

como se entende no senso comum, produziriam diferenças de caráter. Na visão das autoras, os corpos têm agência e são construídos socialmente.

O quarto capítulo relata as narrativas globais sobre as teorias de gênero, focando tanto no Norte como no Sul Global, considerando as situações onde as teóricas e os teóricos feministas foram se inserindo no contexto social e em períodos históricos específicos. Desta forma, há um diálogo entre a filósofa francesa Simone de Beauvoir e Amina Mama, teórica feminista africana. Simone de Beauvoir explorou como as mulheres se constituíam enquanto *o outro* na consciência dos homens, embora sua abordagem parta de uma crítica política à subordinação das mulheres. Já Amina Mama afirma que uma das maiores violências baseadas no gênero na contemporaneidade está ligada à violência generificada do colonialismo.

No quinto capítulo, as autoras discorrem sobre quatro dimensões da estrutura das relações de gênero, vistas aqui como relações de poder. Buscam compreender como a estrutura social condiciona a prática e como essas estruturas são atualizadas pela atividade humana ao longo do tempo e da história. Então relacionam o poder não são as instituições separadas e sim, a produção, a catexia e o simbolismo para mapear as múltiplas dimensões do gênero e levam em conta o fato de que as ferramentas que constroem nos servem para pensar e avançar nas análises da vida concreta das sociedades.

É nesse entrelaçamento que hoje trabalhamos com a dimensão interseccional do gênero, termo que foi cunhado pela advogada feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw, para tratar das experiências das mulheres negras no mercado do trabalho em 1989. O termo foi ampliado em 1991 para todas as mulheres pela feminista negra Patricia Hill Collins, ao argumentar que as relações de gênero sempre operam em um contexto, interagindo com outras dinâmicas da vida social. Tais relações tendem a produzir grandes transformações estruturantes internas nas sociedades e é nesse diálogo que se produzem mudanças nas relações de gênero. Assim, só é possível a teoria de gênero que tenha por objetivo a ação social, fomentando uma política de gênero que informe o movimento feminista e auxilie na libertação LGBT. Esse viés teórico-político é fundamental na medida em que ressalta a importância da dimensão de gênero na vida em sociedade.

O sexto capítulo amplia essa reflexão, ao descrever e analisar de forma mais aprofundada o fato de que *ser homem* e *ser mulher* é, acima de tudo, uma experiência pessoal e íntima que, impacta as vidas das mulheres em geral, mas também de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans*, com suas interseccionalidades de classe, gênero, raça/etnia, sexualidade, deficiência, etc.

A perspectiva de gênero ambiental, em um diálogo com a abordagem ecofeminista, é abordada no sétimo capítulo. O Ecofeminismo, como apontam, traz conexões com todos os sujeitos vulneráveis, se pensado a partir da construção das noções de *desenvolvimento* e *justiça ambiental*, visando na intenção de contribuir com pesquisas que desloquem a gestão e o gerenciamento ambiental para uma abordagem na qual todos e todas são humanos e não há sujeitos de primeira e segunda classes. Essa última visão, muito reproduzida nos meios empresarial, estatal e na sociedade mundial generificada, sustenta, segundo elas, o sistema capitalista e todas as outras formas de desigualdades que produzem o não-humano, na perspectiva capitalista. Esse não-humano é, dessa forma, objeto do oitavo e último capítulo da obra.

No capítulo que finaliza o livro, as autoras conectam as relações de gênero e sua política em larga escala. Dialogam, assim, com o campo público de produção, particularmente



com o mundo empresarial, estatal e com a economia global. As empresas, instituições chave do capitalismo, são vistas como possuindo uma história generificada. Portanto, tanto no campo fabril como na agricultura, o gênero é uma característica estrutural da vida corporativa que não será transformado apenas por uma mudança de atitude. Para as autoras, apenas com a ampliação dos estudos nesse campo novas perspectivas serão abertas para verdadeiras mudanças nas relações de gênero no mundo do trabalho. Embora tanto nas empresas privadas como nas estatais a generificação seja, ainda, bastante acentuada, o que produz importantes desigualdades para as mulheres em termos de falta de poder e de pouco recrutamento de sua força de trabalho, já existem alguns marcos regulatórios nos níveis internacional e nacional em que há o compromisso desse setor com a igualdade de gênero, embora isso não constitua um sistema global.

As autoras conseguiram mostrar, nesse trabalho, a diversidade das dinâmicas de gênero em perspectiva global, sua complexidade e suas relações de poder nos níveis local e transnacional. Ao abordarem o gênero, Connell e Pearse evocam um campo conceitual ligado às categorias de relações, fronteiras, práticas, identidades e imagens que são ativamente construídas em processos sociais. Com isso, há uma diversidade na composição da ordem de gênero nos níveis locais, em diálogo com instituições transnacionais, o que exige que invistamos, enquanto pesquisadoras e ativistas feministas, no avanço das agendas de gênero em contexto mundial, ainda que nossas reflexões apresentem contradições e conflitos, em especial em temas como aborto, contracepção e lesbianismo.

O livro é uma contribuição para quem inicia nesse campo, mas também para quem quer avançar em reflexões do feminismo transnacional. Possui uma linguagem acessível e com bastante conteúdo, com enfoque nas questões do mundo globalizado. Proporciona às leitoras e aos leitores uma ampliação das lentes de gênero para compreender a realidade, refutando os binarismos e a heteronormatividade e, nesta mesma linha, de forma inovadora, dialoga com as questões de gênero no espaço privado – do pessoal em direção ao espaço público. Trata-se de uma excelente leitura, pois traz o debate recente de gênero tanto na academia quanto nos movimentos sociais, focando na globalização de nossas agendas e trazendo de volta à discussão as questões econômicas, centrais para pensarmos as relações de gênero na atualidade.